

A FELICIDADE E A INSTABILIDADE DAS COISAS HUMANAS

Everton de Jesus Silva
Doutorando PPGF-UFRJ

RESUMO: Este artigo tem por finalidade fazer um estudo sobre a felicidade tendo em vista a instabilidade da vida humana. Objetiva-se examinar a *eudaimonía* enquanto bem supremo para o ser humano, considerando a argumentação de Aristóteles diante da tese de Sólon de que é preciso ver o fim. A questão central consiste em avaliar se é possível ao humano ser feliz no decorrer da vida.

Palavras-Chave: Felicidade; morte; riquezas; infortúnios; virtude.

ABSTRACT: This article aims to make a study of happiness in view of the instability of human life. It aims to examine eudaimony as a supreme good for the human being, considering Aristotle's argument before Solon's thesis that it is necessary to see the end. The central question is to evaluate whether it is possible for the human being to be happy in the course of life.

Keywords: Happiness; death; Riches; misfortunes; virtue.

*Creiam-me, o menos mau é recordar;
ninguém se fie da felicidade presente; há
nela uma gota da baba de Caim.*

Machado de Assis, “Memórias Póstumas de
Brás Cubas”.

1. A visita de Sólon e a decepção de Cresos

Heródoto relata a história de Cresos, rei de Sardes, considerado um reino muito poderoso. Cresos se intitulava a pessoa mais feliz devido às suas riquezas. Acreditava categoricamente que a sua felicidade poderia ser medida pelo tamanho de sua fortuna. Eis que certo dia chega a Sardes um ateniense de nome Sólon, considerado por todos como um homem muito sábio, o que logo despertou a vaidade de Cresos.

Ao chegar na cidade, foi recebido por Cresos com distinção no próprio palácio real. Três ou quatro dias depois de sua chegada, como narra Heródoto, Sólon foi conduzido, por ordem do príncipe, ao tesouro, onde Cresos lhe mostrou todas as suas riquezas. Depois que Sólon observou tudo atentamente, o rei enalteceu a sabedoria de Sólon. Movido por sua vaidade se dirigiu ao ateniense com a pretensão de querer saber quem era o ser humano mais feliz que já havia conhecido. Ao indagar Sólon, o rei queria a confirmação de que ele era o mais feliz dos homens, mas logo fica desapontado diante da resposta de Sólon, pois não é apontado como o mais feliz, e sim Telo de Atenas.

Após ouvir que não era o mais feliz, Cresos pergunta: “Por que julgas Telo tão feliz?” Prontamente Sólon responde:

Porque residindo numa cidade florescente, - continuou Sólon - teve dois filhos lindos e virtuosos, e cada um lhe deu netos, que viveram muitos anos, e afinal, depois de haver usufruído uma fortuna considerável em relação às do nosso país, terminou os seus dias de maneira admirável: num combate dos Atenienses com seus vizinhos de Eleusis. Saindo em socorro dos primeiros, pôs em fuga os inimigos e pereceu gloriosamente. Os Atenienses ergueram-lhe um monumento por subscrição pública, no próprio local onde ele tombou morto, e lhe tributaram grandes honras. (HERÓDOTO, História. Livro I, XXXI).

Sólon não se deixa contaminar pela vaidade de Creso e ao mesmo tempo, demonstra que o que torna alguém feliz não é a quantidade de bens materiais que ele chega a amearhar, mas uma vida comedida e virtuosa que deve ser conduzida até o fim. O rei da Lídia ficou estarrecido ao ouvir da boca de Sólon que não era o mais feliz dentre os homens.

Demonstrando-se um tanto decepcionado diante da revelação de Sólon, por não ter sido apontado como o mais feliz de todos, o rei voltou a indagar: quem, depois desse ateniense, julgaria o mais o feliz dos homens? Acreditando que dessa vez seria o escolhido como o segundo indivíduo mais feliz.

Para sua total decepção, Sólon atribui o título de mais feliz aos irmãos Cléobis e Biton. Ao atribuir o segundo lugar aos dois irmãos, Sólon justifica dizendo que “Eram árgios e desfrutavam as rendas de pecúlio honesto. Eram, por outro lado, tão fortes, que haviam ambos conquistado prêmios nos jogos públicos” (HERÓDOTO, História. Livro I, XXXI). Sólon destaca o caráter virtuoso dos irmãos. Sobre Cléobis e Biton, Heródoto relata o seguinte caso:

Os Árgios celebravam uma festa em honra de Juno. A mãe desses dois jovens tinha absoluta necessidade de ir ao templo num carro, e os bois tardavam a chegar do campo. Os rapazes, vendo o tempo passar, puseram-se eles mesmos sob a canga, e puxando o carro, no qual ia a mãe, conduziram-no assim, numa distância de quarenta e cinco estádios, até o templo da deusa. Depois dessa bela ação, testemunhada por grande número de pessoas, terminaram seus dias da maneira mais ditosa, pretendendo a divindade, com isso, mostrar que é mais vantajoso para o homem morrer do que viver: Os Árgios, reunidos em torno dos dois jovens, louvaram-lhes o procedimento, enquanto as mulheres felicitavam a sacerdotisa por possuir tais filhos. Esta, no auge da alegria, cumulada de elogios, de pé, junto à estátua, pediu à deusa que concedesse aos dois jovens, Cléobis e Biton, que a tinham honrado tanto, a maior felicidade que pode alcançar um mortal. Terminada a prece, depois do sacrifício e do festim solene, os rapazes adormeceram no próprio templo, para não mais despertar. Os Árgios ergueram estátuas a ambos e os consagraram a Delfos, como homens perfeitos”. (HERÓDOTO, História. Livro I, XXXI).

Enraivecido com Sólon por não o ter colocado nem como o segundo mais feliz dos homens, Creso dispara contra Sólon: “fazes tão pouco caso da minha felicidade, que me julgas indigno de ser comparado com homens comuns?” Percebendo o aborrecimento do rei, Sólon diz:

Creso, vos interrogastes-me, a mim que sei como a divindade é em tudo invejosa e perturbadora, a respeito da condição humana. Na verdade, durante um período largo de tempo, é dado ver muitas coisas que ninguém desejava e padecem-se ainda muitas outras. Eu tenho os setenta anos por limite da vida do homem. (...) Da totalidade desses dias até perfazer os setenta anos -que são vinte e seis mil duzentos e cinquenta- nenhum deles oferece acontecimentos precisamente iguais ao outro. É por isso, Creso, que o homem é uma súpula de acidentes (HERÓDOTO, I, XXXII).

Um ponto fundamental a ser destacado é que Sólon não atribui a felicidade¹ a nenhum ser humano em vida, mas a alguém que já morreu, pois julgava que só com o final da vida poderia dizer verdadeiramente se uma pessoa foi feliz ou não. Para Sólon, todos os homens estão sujeitos às vicissitudes, a vida humana não é permanente, mas marcada pela instabilidade, podendo assim sofrer um revés e colocar fim a sua prosperidade. Somente a vida dos deuses é inalterável, pois estes não estão sujeitos às inconstâncias da vida.

Dessa maneira, o título de homem feliz que Creso julgava possuir ou querer que Sólon lhe atribuísse não era possível, embora possuísse grandes riquezas, tais bens não lhe dariam nenhuma certeza de que não sofreria no futuro com algum tipo de desventura. Em vista disso, o reconhecimento de uma vida feliz só pode ser atribuído a alguém quando a história de sua vida recebe o ponto final, no derradeiro ato que é a morte.

Por esse motivo, Sólon diz a Creso: "Aos meus olhos vós dais mostras de possuir uma fortuna colossal e de ser senhor de uma multidão de homens. Porém, à pergunta que me fizestes, não vos respondo sem antes tomar conhecimento de que terminastes bem o vosso percurso de vida" (HERÓDOTO, I, XXXII). Esse é o motivo pelo qual Creso não é apontado por Sólon como uma pessoa feliz, pois o percurso de sua existência ainda não havia finalizado, estando ainda sujeito a sofrer com alguma espécie de adversidade, que pudesse colocá-lo em ruína.

¹ Darrin M. McMahon, ao tratar sobre a felicidade na visão de Heródoto e de seus contemporâneos, afirma que: (...) "felicidade não é um sentimento, nem um estado de subjetivo", (...) "é a caracterização de uma vida inteira, e só pode ser determinada com a morte. Considerar-se feliz antes disso é prematuro, e provavelmente uma ilusão, já que o mundo é cruel e imprevisível, comandado por forças que estão além de nosso controle" (MCMAHON, 2006, p. 23).

Diante da indagação de Crespo, que acreditava ser o mais feliz por possuir muitas riquezas, Sólon demonstra que a causa da felicidade não está atrelada diretamente à fortuna, pois muitos homens gozam de uma vida feliz sem possuir grandes riquezas. Sólon reconhece a grandiosidade dos bens do rei de Sardes, mas é categórico ao dizer que a riqueza, por maior que ela seja, não torna alguém feliz, é preciso aguardar o fim para saber se terminará de modo glorioso ou não.

Uma vida feliz não é fácil de ser conquistada, pois não depende simplesmente de quem a deseja, é preciso contar com um pouco de sorte e também não sofrer com grandes infortúnios. Contudo, quais seriam, de fato, as condições de vida levadas por um humano para que pudesse ser considerado feliz? De acordo com Sólon, é preciso que goze de boa saúde, não sofra nenhum desgosto e seja feliz com os filhos; se a todas essas vantagens acrescentardes a de uma morte gloriosa, aí tereis o humano que procurais. Portanto, só pode ser julgado como feliz aquele que conseguiu levar uma vida virtuosa, sem sofrer nenhum tipo de desgraça. Daí a advertência de Sólon: antes da morte, evitai julgá-lo; pois é preciso aguardar o desfecho de sua vida.

A maneira como a questão da felicidade é colocada por Sólon deixa transparecer que o humano está subordinado a forças superiores de que não detém o mínimo domínio, como os deuses e a sorte. O indivíduo vê-se dotado de uma fragilidade inata. À vista dessa sujeição, Crespo assiste ao desmoronamento da sua principal crença, segundo a qual a posse de grandes riquezas deve ser entendida como atestado de felicidade. Porém, a experiência da vida consiste em provar exatamente o contrário:

Realmente o homem de grande riqueza não é mais feliz do que aquele que tem apenas para o dia-a-dia, caso a sorte não o premeie com um bom final de vida, rodeado de todas as alegrias. A verdade é que muitas pessoas imensamente ricas são infelizes, ao passo que muitas outras, de modestas posses, têm sorte na vida. Pois bem, o homem de riqueza vasta, apesar de infeliz, suplanta o afortunado apenas em dois aspectos, enquanto este ganha ao rico e infeliz em muitos. Ou seja, um está melhor preparado para realizar um desejo e para suportar uma fatalidade que se abata sobre si; o outro supera-o no seguinte: se não é capaz de suportar, tal como aquele, a desgraça e o desejo, a boa sorte afasta-os dele, que, apesar disso, é um homem sem deformações, sem doenças, sem a experiência de penosos padecimentos, orgulhoso da sua descendência e detentor de uma bela figura (HERÓDOTO, I, XXXII).

Nessa passagem, fica evidenciado que o fato de um ser humano possuir uma grande riqueza não proporciona a ele a condição de ser mais favorecido do que aquele que conta apenas com o suficiente para o dia a dia, isto porque de nada adiantará ter grandes fortunas e não ser premiado com um pouco de sorte no final da vida. Desse modo, percebe-se que o candidato à vida feliz se encontra numa constante situação de risco, isto é, de insegurança, pois está sujeito a sofrer com a desventura que poderá colocar fim ao seu favorecimento à vida feliz. A condição opulenta na qual se encontrava Creso não lhe conferiu nenhuma vantagem no tocante à felicidade, pois por mais que tenha se esforçado não foi capaz de alterar o destino do filho².

Por mais que alguém possa contar com os diversos atributos para a obtenção de uma vida feliz, ele não os possui em sua totalidade, pois ninguém possui a capacidade de ser autossuficiente, somente deus basta a si mesmo. Essa perfeição não está ao alcance dos mortais. Ciente dessa carência humana, Sólon assegura que,

É impossível um homem reunir as condições necessárias à felicidade da mesma maneira que nenhum país possui todos os bens de que necessita. Se conta com uns, está sempre privado de outros; o melhor será o que possuir maior número deles. Assim acontece com o homem: não há um que se baste a si mesmo. Se possui algumas vantagens, outras lhe faltam. Quem reúne maior número e o conserva até o fim dos dias, deixando tranquilamente a vida, este, senhor, merece, na minha opinião, ser chamado feliz. Devemos considerar o término de todas as coisas e ver que nisso se encontra a única saída; pois Deus, depois de entremostrear a felicidade a certos homens, costuma destruí-la por completo de um momento para outro. (HERÓDOTO, I, XXXII).

² Depois da partida de Sólon, a vingança dos deuses caiu de maneira terrível sobre Creso, em punição, como se pode conjecturar, por julgar-se ele o mais feliz dos homens. Um sonho, nessa ocasião, anunciou-lhe os infortúnios que pesavam sobre um dos seus filhos. Creso possuía dois filhos, um dos quais vitimado por uma desgraça de nascença: era surdo-mudo. O outro, de nome Átis, mostrava-se em tudo superior aos jovens de sua idade. O sonho anunciou que Átis pereceria numa ponta de ferro. Ao despertar, o soberano entregou-se a profundas reflexões. Temendo pelo filho, escolheu-lhe uma esposa e afastou-o do exército, à frente do qual costumava enviá-lo. Mandou retirar os dardos, as lanças e toda espécie de armas usadas na guerra, dos alojamentos dos soldados, onde, segundo o costume, eram suspensas na parede, e guardá-las em depósito, temeroso de que uma delas caísse sobre o filho (HERÓDOTO, I, XXXIV). Um pouco mais adiante, Heródoto narra a morte do Filho de Creso, cumprindo assim o que estava anunciado. “Chegando ao Monte Olimpo, procuram o javali, encontram-no, cercam-no e o atacam. Então, Adrasto, o estrangeiro purificado da prática de um homicídio, lança um dardo, que, errando o javali, vai atingir mortalmente o filho de Creso. Realiza-se, assim, o tão temido sonho: Átis perece traspassado por um ferro agudo. Imediatamente um correio despachado para Sardes leva ao soberano a notícia do trágico desfecho da caçada” (HERÓDOTO, I, XLIII).

Portanto, Sólon é categórico ao sustentar a tese de que não é possível ser feliz em vida, mas é preciso aguardar todo o desenrolar de uma vida, para verificar se alguém poderá ser coroado como feliz ou infeliz. Isto porque só no final do percurso da vida, quando se cumpre o destino e as vicissitudes se extinguem, a situação em que se chega ao derradeiro momento pode adquirir um caráter definitivo. Uma vez que, até o último suspiro do humano, o deus que lhe atribuiu a felicidade, dependendo das circunstâncias, poderá retirá-la repentinamente. O abismo entre o ser humano e o divino é intransponível, qualquer desvio do caminho é fatal.

Essa incompletude do indivíduo transmite a ideia de que ela é preenchida pela divindade, que por sua vez exige que a pessoa trilhe o caminho reto, isto é, sem se atrever com a divindade. Creso pode ser apontado aqui como sendo uma dessas pessoas a quem foi permitido viver um estado temporário de prosperidade, mas cuja insolência levou à inevitável intervenção da justiça divina: após a partida de Sólon, apossou-se de Creso a ira poderosa de um deus, ao que se julga porque ele se tinha na conta de o mais feliz dos homens. Eis aí o motivo para não se declarar feliz em vida, pois isso não agrada a divindade, pelo contrário, causa a fúria do deus que não hesitou em castigar o rei de Sardes. Quanto maior o erro cometido por um humano, mais pesada será a pena aplicada.

No decorrer da narrativa de Heródoto, são apresentados os grandes infortúnios dos quais sofreu Creso. Observa-se ainda que o deus que se mostra furioso vem em seu auxílio quando é invocado, não deixando que morra queimado numa fogueira. Diante desse grande golpe de infortúnio, Creso entende os conselhos de Sólon, percebendo que a felicidade não está garantida, mas é sempre frágil e provisória, e a nenhum humano – nem mesmo ao mais afortunado de todos – cabe saber até quando vai a sua felicidade.

2. Aristóteles e Sólon: é possível “ver o fim” em vida ou somente após a morte?

Aristóteles e Sólon colocam a felicidade como o maior bem atingível pelo humano, a *eudamimonia* representa o que de mais excelente uma pessoa pode possuir. No entanto, Aristóteles e Sólon apresentam divergências no que se refere ao momento da vida em que seria possível dizer que tal feito foi alcançado. Em vista disso, surge a

SILVA, Everton de Jesus.
A felicidade e a instabilidade das coisas humanas

questão a ser investigada: “é preciso ‘ver o fim’ para dizer se uma pessoa foi feliz ou não, ou é possível declarar que alguém pode ser feliz em vida? ”.

Para que se possa alcançar uma possível resposta a essa questão, é preciso investigar primeiramente se a felicidade pode ser considerada um bem permanente ou instável, pois somente a partir desse exame será possível dizer em que momento se dará a vida boa e feliz.

Procurando demonstrar no que consiste precisamente a felicidade, Aristóteles diz em sua *Ética a Nicômaco*, que ela

(...) pressupõe não somente excelência perfeita, mas também uma existência completa, pois muitas mudanças e vicissitudes de todos os tipos ocorrem no curso da vida, e as pessoas mais prósperas podem ser vítimas de grandes infortúnios na velhice, como se conta de Príamo na poesia heroica. Ninguém pode considerar feliz uma pessoa que experimentou tais vicissitudes e teve um fim tão lastimável (EN I.9. 1100a 5).

Aristóteles não tem dúvidas de que a felicidade é o maior bem visado pelo humano, a conquista desse bem passa por uma vida bem vivida, isto é, a vida executada de acordo com a virtude. No entanto, o Estagirita alerta para as instabilidades da vida, isto porque ninguém está plenamente seguro a tal ponto de não sofrer com algum tipo de infortúnio. Desse modo, viver também significa correr risco, pois, por mais que seja louvável a conduta de uma pessoa, no decorrer de sua existência pode surgir algum tipo de obstáculo que possa colocar fim à sua vida de prosperidade.

Mesmo tendo apontado as instabilidades da vida às quais o ser humano está sujeito, Aristóteles sustenta que caso ele sofra com um grande infortúnio que possa colocar fim a sua felicidade, o humano poderá recobrá-la, uma vez que possui a capacidade necessária de superar essas adversidades. Na maioria das vezes, o sujeito virtuoso consegue superar os infortúnios. O que não é possível segundo Aristóteles é não sofrer com eles.

Ao mencionar o fato ocorrido com Príamo, o Estagirita procura elucidar essa questão que envolve a *eudaimonía* averiguando em que momento uma pessoa poderia ser genuinamente tomada como feliz. Em vista disso, Aristóteles assegura que: não se deve então chamar homem algum de feliz enquanto ele estiver vivo? Devemos como

disse Sólon ‘ver o fim’? Ainda que devamos adotar essa doutrina, pode um homem ser realmente feliz depois de morto? Não é isto um absurdo total, especialmente para nós, que definimos a felicidade como uma atividade? (EN I.10. 1100a10).

Como já foi demonstrando anteriormente no diálogo entre Creso e Sólon, ficou evidenciado que nenhum homem pode se declarar feliz em vida, pois é preciso aguardar o desfecho da vida, somente assim é possível emitir um parecer final. Aristóteles, ao questionar essa posição, chega a indagar se não seria um absurdo declarar como feliz alguém que já estava morto, pois sendo a felicidade uma atividade, só é possível dizer que alguém é ou não feliz, agindo. Dessa maneira, a felicidade se dará no decorrer da existência, pois somente nessas condições é possível a ação virtuosa, daí a sustentação aristotélica de parecer um absurdo conceber como feliz alguém que esteja morto.

Ao dizer que é preciso aguardar para “ver o fim”, diferentemente de Aristóteles, Sólon não concebia a possibilidade de uma pessoa recobrar a sua felicidade, caso sofresse com um grande infortúnio. Na perspectiva de Sólon, a felicidade deveria ser um bem durável, isto é, precisaria ocorrer de maneira permanente no decorrer de toda a existência do ser humano. Desse modo, ele entendia que o mais sensato para julgar se alguém, de fato, foi feliz ou não, era aguardando a sua morte.

Para melhor elucidar a tese defendida por Sólon, Irwin³ diz que essa sustentação “(...) repousa sobre o pressuposto de que a felicidade deve ser permanente de modo que, se não a possuí em algum momento de minha vida, jamais a possuí de fato”⁴. Na perspectiva de Sólon, ao “ver o fim”, era possível constatar se tal pessoa foi feliz ou não: se não fosse considerada como feliz, é porque verdadeiramente nunca teria sido, se fosse julgada como uma pessoa feliz é porque sempre teria sido feliz. Sendo assim, a felicidade é entendida aqui como algo que possui uma permanência. Essa visão de felicidade como algo permanente, contrasta diretamente com a interpretação aristotélica, defendida em sua obra *Ética a Nicômaco*.

No entanto, Irwin⁵ destaca que nas obras *Ética a Eudemo* e na *Magna Moralia*, parece existir um pressuposto que daria base para sustentar a tese acerca da permanência da felicidade, o que dá endosso ao dito de Sólon:

³ IRWIN, T. A Felicidade Permanente: Aristóteles e Sólon. In: ZINGANO, Marco (Org). *Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2010, p. 208-244

⁴ Idem, p. 222.

⁵ Ibidem.

Visto, então, que a felicidade é um bem completo e um fim, [...] estará em algo completo. Pois não estará em uma criança (já que uma criança não é feliz), mas em um homem, que é completo [i.e., maduro]. Tampouco estará em um tempo incompleto, mas em um tempo completo e um tempo completo é o tempo que vive um homem. Pois o vulgo afirma com correção que devemos julgar se a pessoa é feliz durante o tempo dilatado de sua vida, assumindo que aquilo que é completo o deve ser em um tempo completo e em um homem [completo] (Aristóteles *apud* Irwin, 2010, p. 222. MM 1185a 1-9).

Na *Ética a Eudemo*, também é reforçada essa ideia de Sólon, onde diz: (...) não se é feliz por um único dia e de que não existe felicidade infantil; e tampouco a felicidade pertence a esta ou àquela faixa etária (daí ser correta a opinião de Sólon no sentido de não classificarmos como feliz alguém durante sua existência, mas somente quando atingiu o fim dela). Com efeito, não sendo um todo, nada incompleto é feliz. (EE 1219b4-8).

Nessas duas passagens, a princípio parece compreensível que, tanto na *Magna Moralia* quanto na *Ética a Eudemo*, Aristóteles reforça o dito de Sólon de que é preciso “ver o fim” para saber se alguém é ou não feliz. Tudo isso porque a felicidade não se encontraria num curto período de tempo, ou naquilo que é incompleto.

Assim, ninguém pode ser feliz num determinado momento, mas em outros não. Nesse sentido, Sólon assegura ser possível fazer uma avaliação final só com a morte do humano, pois ali já se teria dado a vivência completa de uma pessoa e já seria possível emitir tal juízo.

Sólon acredita que uma vida feliz se encontra numa vida moralmente bem vivida com um final que laureie a obra inteira. No entanto, esse coroamento só é possível de ser identificado no final da vida. Sólon tinha ciência de que a vida humana estava sujeita a alterações: justamente devido a isso era fundamental “ver o fim”, para ter a certeza se não ocorreu nenhuma alteração no decorrer da existência humana que poderia tornar a pessoa infeliz.

Por sua vez, Aristóteles também acredita nos diversos infortúnios aos quais os humanos estão sujeitos, mas acredita que o humano alcança a felicidade durante a sua vida, não sendo necessário “ver o fim” para tal constatação. No entender de Aristóteles era possível ao indivíduo “ver o fim” em vida, na medida em que diante dos desafios ele

é capaz de agir e manter-se virtuoso. Aristóteles acrescenta: “(...) devemos declarar supinamente felizes as pessoas vivas” (EN1101a20).

Aristóteles não concebe a felicidade como algo permanente, discordando assim da maneira como Sólon idealizava a felicidade. Irwin diz que “Aristóteles dá mostras de que essa não é a sua concepção, pois reconhece que uma pessoa feliz pode perder a sua felicidade se padecer os infortúnios de que padece Príamo”⁶. Neste sentido, pode-se afirmar que do ponto de vista de Sólon, Príamo nunca teria sido feliz, isto é, a sua infelicidade não estaria relacionada apenas aos infortúnios sofridos em sua velhice, na verdade ele nunca teria sido feliz de fato, caso tivesse sido ao menos uma vez, assim teria permanecido.

“A felicidade requer uma vida completa e um tempo completo, a pessoa os deve haver possuído antes de padecer dos infortúnios; daí que o tempo completo não possa ser o tempo de uma vida”⁷. Irwin⁸ diz que Aristóteles assinala esse ponto ao afirmar que quando alguém que perde sua felicidade ainda a pode recobrar, “não (...) em pouco tempo, mas o fará, se é que o fará, em um tempo longo e completo, no qual realizará grandes e belos feitos” (EN 1101a11-13). Embora o trecho “se é que o fará”, para Irwin⁹, revele “que a tarefa de recobrar a felicidade não é fácil, a passagem mostra claramente que não é autocontraditória, como seria se o tempo completo fosse o tempo de uma vida”. Mas o que seria um tempo completo? “(...) um tempo completo não precisa ser toda uma vida: posso ser feliz, se, em um tempo completo, exerci uma gama completa de atividades. Mesmo se depois, como Príamo, perdi a minha felicidade. Se tiver tempo o suficiente, poderei recobrar a felicidade”¹⁰.

Aristóteles, ao contrário de Sólon, acredita que mesmo que um humano seja feliz, isso não lhe garante que será permanentemente feliz, já que os infortúnios poderão pôr fim à sua felicidade. No entanto, isso não significa que essa pessoa nunca tenha sido feliz, pois ela pode ter permanecido até um determinado momento e, por ter sofrido um golpe de má fortuna, perdeu a condição de pessoa feliz. Contudo isso não priva a pessoa

⁶ IRWIN, T. 2010, p. 224.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem.

⁹ IRWIN, T. 2010, p. 224.

¹⁰ Idem, p. 225.

de qualquer prospecto de felicidade futura. Assim, contrariamente à concepção de Sólon, posso ser feliz em certos períodos de minha vida e não o ser em outros.

Irwin conclui discutindo a aparente contrariedade dos conceitos:

Embora rejeite a exigência de uma felicidade permanente feita por Sólon e sugira porque a julga errada, Aristóteles ainda pensa que existe algo certo em tal exigência. Sólon está errado ao exigir que algo instável como a felicidade deva ser permanente. Contudo, é melhor exigir permanência de um componente da felicidade que seja já estável e esteja em nosso poder. A virtude preenche os requisitos. Se formos virtuosos, garantimos êxito permanente em assegurar o componente dominante da felicidade, pois a virtude é estável, não se expõe à destruição por circunstâncias exteriores e, portanto, podemos contar com a sua permanência. Uma vez que reconhecemos esse fato, podemos conceder que a felicidade é impermanente, suscetível de ir e vir¹¹.

Aristóteles afirma que o humano comprometido com uma vida feliz estará sempre ou mais frequentemente engajado na prática ou na contemplação do que é conforme a virtude. Aquele que age de maneira equilibrada e em consonância com uma vida virtuosa “(...) suportará as vicissitudes com maior galhardia e dignidade” (EN1100b 20).

O filósofo de Estagira reconhece que muitos eventos que ocorrem na vida humana são frutos do acaso, e diferem por sua grandeza ou insignificância. Segundo o filósofo, boa sorte ou infortúnio em pequena escala não são capazes de mudar evidentemente o curso de uma vida. Esses eventos em pequena escala não são suficientes para causar danos à felicidade. Porém, Aristóteles adverte que em quantidades excessivas podem ser prejudiciais, pois, segundo ele, o humano pode ter a sua felicidade comprometida:

(...) grandes e frequentes reveses, ao contrário, aniquilam e frustram a felicidade, seja pelos sofrimentos que causam, seja por constituírem óbices a muitas atividades. Isto, não obstante, mesmo na adversidade a galhardia resplandece, quando alguém sofre grandes e frequentes infortúnios com resignação, não por insensibilidade, mas por nobreza e grandeza de alma. (EN 1100b 24-30).

Logo em seguida Aristóteles conclui,

¹¹ Idem, p. 226.

(...) somente por grandes e frequentes desventuras, nem se recuperará de tais infortúnios e se tornará novamente feliz em pouco tempo, mas somente – se isto acontecer – após um longo lapso de tempo, durante o qual ele tiver tido oportunidade de obter muitos e belos sucessos. (EN 1101a10).

Aristóteles afirma de maneira incisiva que alguém que sofreu algum dano excessivo, a tal ponto de comprometer a sua felicidade, e que teve de fato a felicidade prejudicada, essa pessoa levará muito tempo para conquistá-la novamente.

3. Considerações Finais

Aristóteles e Sólon concebem a felicidade como a realização máxima do humano, isto é, a concretização completa de uma vida bem vivida. No entanto, para Sólon a felicidade é algo que só poderia ser verificado com a morte, possuindo também um caráter permanente, enquanto para Aristóteles a felicidade se dá no percurso em que a vida acontece. Para o Estagirita, porém, a felicidade não seria algo permanente, o que equivale a dizer que uma pessoa feliz pode perder a sua felicidade e dependendo do seu esforço e engajamento adquiri-la novamente, o que na concepção de Sólon seria impossível.

Outro ponto fundamental na ética aristotélica é que a felicidade não poderá ser considerada uma posse assegurada, como algo que daria ao humano a tranquilidade de gozar eternamente uma vida feliz. A felicidade não é como um “objeto” que se tome para si, mas um bem construído e mantido pela ação virtuosa ao longo da vida. A vida humana está sujeita aos infortúnios, que em excesso poderão colocar fim a uma vida feliz: isso já constituiria um impedimento para se pensar a felicidade como uma posse permanentemente assegurada. Outra questão que impediria de pensá-la como posse assegurada, é o fato de ser construída e atualizada através do exercício.

Em vista dos aspectos observados, outra consideração importante a ser feita diz respeito ao valor da virtude para concretização da vida feliz. Em Aristóteles a virtude é fundamental para que o ser humano possa alcançar a vida boa e feliz. A felicidade não

SILVA, Everton de Jesus.
A felicidade e a instabilidade das coisas humanas

se encontra na virtude, mas ela é condição necessária para que se possa alcançar a *eudaimonía*. Sendo a virtude um componente indispensável para a felicidade, faz-se necessário o cultivo e a estabilidade do caráter virtuoso, pois essa condição estável é o que favorece a vida feliz. Tal permanência é o que melhor distingue o virtuoso do vicioso; a pessoa viciosa é instável, ou seja, se encontra nos extremos (excesso/falta) e afastada da vida boa e feliz. Desse modo, é fundamental que se tenha uma estabilidade nas ações, não pendendo para o excesso, nem para a falta.

Por fim, a vida feliz requer uma conduta equilibrada, isto é, direcionada de acordo com a reta razão (*orthos logos*). Ela requer do agente uma ação virtuosa e direcionada a um fim; por isso, é tão importante o caráter estável do virtuoso. Embora a felicidade seja considerada instável, ela requer uma estabilidade da virtude; sem isso, se tornaria difícil atingir o fim último da existência humana. Assim, a condição estável do caráter de uma pessoa virtuosa é o que melhor garante as condições que a vida boa estabelece. Isso nos faz pensar que a felicidade não é algo que esteja pronto e acabado desde sempre, mas é o resultado de um agir virtuoso.

Referências bibliográficas

ARISTOTLE. *The Nichomachean Ethics*. Translation by H. Rackam. London: Harvard University Press, 1999.

_____, *Ética a Eudemo*. Tradução de J. A. Amara e Artur Morão. Lisboa: Editora Tribuna da História, 2005.

_____, *Magna Moralia*. In Loeb Classical Library, Aristotle XVIII, LCL 287.

IRWIN, T. *A Felicidade Permanente: Aristóteles e Sólon*. In: ZINGANO, Marco (Org). *Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2010, p. 208-244

MCMAHON, Darrin M. *Felicidade: uma história*. São Paulo: Globo, 2006.